

O shakuhachi teve suas origens na China e foi introduzido no Japão no século VII, em uma forma ainda primitiva. No início fez parte da música de corte *gagaku* e posteriormente, no Período Muromachi (1333 a 1537), surgiram monges mendicantes tocando o instrumento. Já no Período Edo (1600 a 1868) ocorreram significativas mudanças em sua construção, que passou a ser fabricado a partir da raiz do bambu, tendo então diâmetro e comprimento maior (aproximadamente 54 cm). A raiz funciona como campânula do shakuhachi, gerando diferenças acústicas. Outra explicação para essa modificação estrutural está na violência da sociedade japonesa dessa época, pois o shakuhachi também foi usado como arma de combate. O uso dessa flauta de bambu passou a ser monopolizado pelos monges *komuso* da seita budista *Fuke*, como ferramenta religiosa em suas práticas meditativas. Nesse período, o shakuhachi foi concebido como instrumento espiritual, e não tinha caráter artístico. Posteriormente, com a dissolução da seita no início da Era Meiji (1868 a 1912) surgiram várias escolas e estilos (*ryu*) de tocar shakuhachi diferentes. O instrumento se particulariza por sua sonoridade rica em harmônicos e pela possibilidade de produzir efeitos sonoros específicos como, por exemplo, o *muraiki* (explosão de ar) e *meri kari* (descer/subir a afinação). Atualmente existem tocadores de shakuhachi e apreciadores da música japonesa em todo o mundo, inclusive no Brasil. Para este trabalho foram realizadas entrevistas com tocadores brasileiros e japoneses, bem como levantamento histórico, descrição detalhada do funcionamento e breve análise do repertório *honkyoku*, por meio da bibliografia disponível. Existe atualmente uma ampla possibilidade na utilização desta flauta de bambu, que ganhou expressão atuando na música oriental, ocidental, clássica, popular, eletrônica, folclórica, jazz, bossa nova, entre outros. Constatamos que este é o primeiro trabalho acadêmico que aborda de maneira específica o shakuhachi realizado no Brasil.